

Cônsul inglês acha que aplicações no Brasil dependem da Constituinte

17 JUN 1987

17 JUN 1987

ANC p.25

Os empresários ingleses aguardam com muito interesse as definições na Constituinte sobre investimentos estrangeiros no Brasil, e se forem "bastante favoráveis, sem reservas de mercado como a que existe na área de informática", poderão atrair novos investimentos estrangeiros. A afirmação foi feita, ontem, pelo Cônsul Geral da Inglaterra no Rio, Roger D. Hart, que participou da solenidade de abertura do Seminário Brasil-Inglaterra de Petróleo e Gás, que prosseguirá até amanhã, no auditório da Petrobrás, no Rio.

— Sou favorável a um mercado mais aberto, sem protecionismo. A Inglaterra confia no futuro do Brasil e que seus problemas econômicos são de curto prazo, e serão superados logo — afirmou Roger Hart. Para o Cônsul, apesar da atual crise financeira, o momento é ideal para os ingleses estabelecerem e restabelecer contatos com empresas brasileiras para futuros negócios.



Foto de Paulo Moreira

De paletó mais escuro, o Cônsul britânico Roger Hart

O Diretor Geral da General Offshore Supplies Office, John D'Ancona, presente no seminário, afirmou que existem possibilidades de associação entre empresas inglesas e brasileiras, para atuar em terceiros países no ramo petrolífero, por terem tecnologias semelhantes. Para o executivo, o momento atual é ideal para se estabelecer contatos no Brasil, pois quando a situação econômica do País melhorar, muitas empresas estrangeiras estarão interessadas em investir.

Braspetro pode tirar óleo do Mar do Norte

A Braspetro, subsidiária da Petrobrás que atua no exterior, está examinando a possibilidade de comprar parte dos direitos de exploração e produção de petróleo de companhias estrangeiras que atuam no Mar do Norte, na área britânica. O anúncio foi feito, ontem, pelo Presidente da Braspetro e Diretor da Petrobrás, Wagner Freire, após participar do Seminário Brasil-Inglaterra de Petróleo e Gás.

O diretor da Petrobrás explicou que a participação, mesmo com um percentual pequeno, seria uma forma de a Braspetro começar a ter acesso em uma importante região petrolífera, sem que seja preciso aguardar por nova licitação para exploração sob contratos de risco. A Braspetro não ganhou a última concorrência para atuar no Mar do Norte no lado inglês.

Segundo Wagner Freire, é prática normal no mercado internacional companhias de petróleo venderem, em percentuais variáveis, seus interesses em projetos de exploração e produção de óleo, em muitos casos ainda em fase inicial de perfuração ou outros já em fase de avaliação das descobertas.